



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BAHIA A ROMA NEGRA: ESTRATÉGIAS COMUNITÁRIAS E EDUCAÇÃO PLURICULTURAL¹

Narcimária Correia do Patrocínio Luz²

Professora do Departamento de Educação I da Universidade do Estado da Bahia-UNEB

“...O mito é o discurso capaz de representar a vida e a morte, o tudo e o nada, o pleno e o vazio, o visível e o invisível, o dito e o inefável, o mistério da existência... É o mito que se constitui no discurso capaz de elaborar e realizar o reconhecimento da alteridade, dos outros e do outro, ao contrário da ciência totalitária, que querendo explicar tudo, muito fala e pouco ou nada diz.”

Marco Aurélio Luz

RESUMO

Nossa intenção é celebrar e reverenciar o centenário de vida de uma personalidade exponencial do continuum civilizatório africano nas Américas, refiro-me a Iyá Oxum Miuwá, conhecida como Mãe Senhora Asipá que foi Iyalorixá de uma das mais tradicionais comunidades-terreiro das Américas, o Ilê Axé Opô Afonjá. Procuraremos destacar de um lado, os modos de insurgência das populações africano-brasileiras face às políticas genocidas e de recalcamento à sua alteridade própria; de outro, as narrativas míticas milenares, cuja arkhé, ou seja, os princípios inaugurais organizam, instituem, revitalizam, promovem e dinamizam as lutas de afirmação sócio-existencial do afro-descendentes no Brasil.

Palavras-chave: Arkhé;comunalidade;africano-brasileira;educação pluricultural

¹ Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.

Introdução

Do continuum civilizatório africano-brasileiro, nos dedicaremos a explorar aspectos que dêem relevância à ética da coexistência, valores mítico-políticos e religiosos, hierarquias comunais, linguagem, modos e formas de comunicação, concepções estéticas, modos de vida, princípios filosóficos, códigos estéticos, concepções culinárias, organização político-social, elaborações territoriais, enfim, todo um complexo sistema cultural cujas manifestações procuram caracterizar aspectos estruturadores da identidade profunda das comunicações tradicionais de origem africana nas Américas.

O nosso propósito é que esses aspectos que ressaltam as formas de sociabilidade, valores e linguagem dessa presença africana sejam capazes de contribuir na percepção sobre a dinâmica da educação em meio ao contexto adverso do colonialismo, neocolonialismo e imperialismo.

Por isso, abordaremos questões que realizam o aprofundamento analítico da gênese da estruturação da sociedade brasileira, cujas prolongações coloniais subjazem no Brasil contemporâneo.

Sabemos que esse recorte temporal dos 500 anos instituído pelos valores coloniais branco-europeu, e exaltado nesse final de século pela Razão de Estado, pretende atualizar os princípios originários das culturas greco-romana e judaico-cristã, que durante séculos orientam as políticas educacionais e/ou pedagogias de embranquecimento desse país.

A população de descendência aborígine e africana, sempre foram abordadas pelas políticas oficiais de educação como “incapazes de civilização”, “pagãs”, “portadoras do pecado original” e portanto aptas para serem convertidas e sem direito à alteridade própria. Baseando-nos nessa perspectiva procuramos romper radicalmente com as análises evolucionistas e com o historicismo linear que sobredeterminam o nosso pensamento educacional. Daí a necessidade de inserirmos como referência fundamental no nosso trabalho, as noções de sociabilidade, comunidade, arkhé, populações tradicionais, alteridade própria e civilização.

Destacaremos as formas de resistência, reposição e expansão dos valores da civilização africano-brasileira, face às políticas educacionais recalificadoras.

O ânimo que encontramos como educadores afro-descendentes na elaboração das idéias aqui reunidas, é acreditar que através do riquíssimo legado sócio-político e existencial da Oxum Miuwá, que hoje integra a corrente mítica das nossas Mães Ancestrais, poderemos nos aproximar e tomar consciência de elaborações de mundo originais que encontram no mito, a dinâmica capaz de impulsionar por exemplo, uma ética do futuro assentada na perspectiva pluricultural de educação.

2. Ancestralidade, Memória e Continuidade

Nas comunidades-terreiro nagô o princípio feminino da existência é muito venerado e poderoso pois magnifica o poder de expansão dos valores e linguagem das comunicações africano-brasileira.

Esses princípios estão representados pelas Iya-Mi-Agbá, nossas Mães Ancestrais que são possuidoras e transmissoras de axé.³

Na órbita acadêmico-científica, existem leituras que recalcam profundamente as elaborações sobre a dinâmica dos princípios femininos da existência, isto porque, esses discursos ficam confinados ao eixo do discurso marxista, em que a identidade de escravo e proletário ganham relevo e, infelizmente, tendem a ser referências absolutas no tocante à compreensão do ethos feminino e sua influência na estruturação dos valores comunais, e principalmente a constituição de valores educacionais.

Pretendemos dar visibilidade a um outro contexto, ou seja, aquele que sai da lamentação da equivocada “mama África”, da mulher negra escrava, da relação “casa grande e senzala”, que geralmente descamba para a mulatice, mistura das raças, sincretismo, enfim, do nuceamento semântico da historiografia oficial.

Trata-se do contexto que magnifica e possibilita a plenitude do existir da mulher negra, através do reconhecimento ou legitimação do poder feminino ancestral das Iya Mi Agbá.

Como salientamos inicialmente, a nossa abordagem considera a arkhé das comunidades nagô.

As Iya Mi Agbá são as nossas mães ancestrais, e elas concentram o mistério da gestação, fertilidade, expansão, realização e continuidade dos valores que dinamizam o patrimônio simbólico da comunidade nagô.

As Iya Mi Agbá são representadas por grandes pássaros e peixes, cujas penas e escamas simbolizam filhos que se despregam do corpo materno.

O poder feminino das mães ancestrais é venerado nas comunidades-terreiro nagô e se “... desdobram em vários orisa genitores femininos, poderes míticos sagrados; também são cultuadas e invocadas como ancestrais, representando

3. Poder mítico-sagrado, elemento constituinte do sistema dinâmico da tradição, conteúdo fundamental para a vida das comunidades-terreiro que presentifica a linguagem abstrato-conceitual e cognitiva-emocional da nossa ancestralidade, atualizando num aqui e agora nossas origens africanas. Expressa a força que assegura a existência e é transmitido por meios materiais simbólicos que podem ser adquiridos por intuição ou contato com seres humanos ou objetos.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

as mais destacadas figuras femininas de linhagens e comunidades”.(SANTOSE SANTOS,1993:47)

Oxum, é a detentora dos princípios femininos da existência, mistério da transformação do corpo feminino, ventre fecundado, capaz de gerar filhos e alimentá-los. É ela que zela pelo feto e protege os recém- nascidos, daí o título de Olutoju Awon Omo, pois olha e protege as crianças. Além desse título, Oxum também é Iya- Mi Akoko, a mãe ancestral suprema e também Olori Iya- Agbá Aje Eleye chefe suprema das mães ancestrais.

Assim como Oxum, outros Orixá possuem títulos que expressam seus poderes míticos. Nanã detém a matéria-prima da vida, a lama, por isso é Omo Atioró Oké Opa, pois sua origem está ligada ao grande pássaro Atioró. Yemanjá é Iye-omo-eja, mãe dos filhos peixes.

Os poderes das nossas mães ancestrais, reinstauram e presentificam modos e formas de elaboração cósmico-social capazes de zelar e permitir a expansão e afirmação dos vínculos comunais.

“No começo do mundo, era o nada. Com a criação da Terra e das florestas, Olorun enviou ao aiyê sete pássaros. Três pousaram na árvore do bem, três pousaram na árvore do mal, e um voa de uma para outra árvore. Essa história caracteriza a ambigüidade do grandioso poder das Iya-Mi Agbá, as mães ancestrais. Elas não deverão abusar desse poder conferido por Olorun. Deverão dar filhos e alimentos aos que pedirem, mas castigará e matará aos que não a escutarem e desrespeitarem”. (LUZ,1995:104)

Através dos festivais Geledés, se cultua as Iya –Mi Agbá, isso na África, pois no Brasil não temos registros que nos informem com profundidade sobre a sociedade secreta Geledés que existiu aqui na Bahia.

Os registros que constam sobre o culto Geledés na Bahia,é que ,a sua última sacerdotisa suprema foi Omonike, cujo nome católico era Maria Júlia Figueredo. Omoniké foi iniciada por Oba Tosi uma das mais antigas Iyalaxé do Ilê Iyá Nassô. A mais antiga comunidade-terreiro do Brasil.

A trajetória de Omoniké na tradição levou-a a obter o título honorífico de Iyalodé, da casa de Oxum, e que constituiu o posto mais alto que uma mulher pode alcançar na tradição. Ela será portanto ,a cabeça das mulheres e da representação do poder ancestral feminino.

Esse breve exemplo sobre a vida sacerdotal de Omoniké, serve para destacar a importância do poder ancestral feminino constituído pelas Iya-Mi Agbá, as mães



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

respeitadas e veneráveis, zeladoras, e transmissoras de ase que por morte integram a poderosa corrente mítica da comunidade. (Cf. Santos,)

No seu livro **A Cidade das Mulheres** Ruth Landes, antropóloga americana que na década de trinta esteve no Brasil, destacou que na Bahia: "... *as mulheres negras encontraram mais reconhecimento, do seu próprio povo... Uma distinta sacerdotisa chamou a sua cidade de Roma Negra, dada a sua autoridade cultural; foi aqui que as mulheres negras atingiram o auge de eminência e poder, tanto sob a escravidão como após a emancipação. Controlando os mercados públicos, as sociedades religiosas e também suas famílias*". (LANDES, 1961:112)

A sacerdotisa que usou a expressão Roma Negra a qual se referiu Ruth Landes, foi Mãe Aninha, a Iya Oba Biyi, fundadora da comunidade-terreiro Ilê Axé Opô Afonjá.

Essa expressão Roma Negra, metaforicamente procura caracterizar de um lado, a Bahia como uma polis que confere existência transatlântica a África negra; e de outro, se constitui num marco fundamental de referência à compreensão da arkhé que funda, estrutura, revitaliza, atualiza e expande a energia mítico-sagrada da comunalidade africano-brasileira.

Estamos dando relêvo a existência feminina a partir da homenagem e reconhecimento da importância das nossas mães ancestrais, na constituição e fundação dos valores que caracterizam a sociabilidade que vêm dinamizando as lutas de afirmação do patrimônio africano no Brasil.

A Iyá Oba Biyi famosa sacerdotisa suprema do Ilê Opô Afonjá, implantou a comunidade nas imediações do Cabula, por considerar o local profundamente associado ao passado heróico, à continuidade cultural e, segundo a tradição, pleno de axé, de poder mítico emanado dos antepassados africanos enterrados nessas terras. Esse território se impregnou de profundo significado histórico para a população africano-brasileira que nele reinplantou várias comunidades, embora nada prove que o terreiro Opô Afonjá realmente esteja no local exato onde existiram as roças que constituíam o quilombo do Cabula desterritorializado em 1807.

As Iyá Mi Agbá investiram toda a sua vida, sua existência na continuidade do processo civilizatório africano. As Iyá Mi não foram heroínas dentro do enquadramento da historiografia oficial; não exerceram lideranças sindicais se nos determos ao recorte limitado das lutas de classe; mas, podemos afirmar que no âmbito de um contexto hostil colonial, as Iya Mi investiram sua vida com sabedoria e dedicação de forma visceral e comprometida com a expansão da pujança do continuum africano-brasileiro.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Nessas comunidades existem ciclos rituais onde são invocadas as Iya Mi Agbá. São cerimônias repletas de emoção que mobilizam toda a comunidade para homenagear as Mães inaugurais.

É importante destacar desse universo sócio-existencial pleno de beleza e emoção, um poema e/ou oriki que há cinco gerações é invocado visando celebrar a primeira Iyalasé do mais antigo terreiro da Bahia, o Ilê Iya Nassô fundado por Marcelina da Silva A Oba Tosi, sacerdotisa de Xangô e filha da legendária Odanadana que integrava a tradicional linhagem Asipá.

Esse extrato do poema que iremos transcrever aqui, homenageia e celebra os feitos e infinitude de todas as Iyá fundadoras e transmissoras da arkhé nagô, possibilitando a renovação e os vínculos de sociabilidade comunal.

.Iya o bogunde
 .Omo Asipá o bogunde.

. E ma be ru ja,
 . Iya asa o.
 . Eni ma be orisa,

. *Aiye b'ode.*

. *Iya iya o!*
 . *Mo ni ebo*

. *Kebo Keto!*

. *Iya iya o!*
 . *Bori ala,*

. *Keto Baba!*

. *Dugbe dugbe Alado firo,*

. *Iya, ope, l'aiye.*

. *Egbomi se bo.*

. A guerra trouxe a Mãe,
 . Filha de Xangô que chegou
 com a guerra.

. Mas não tema a batalha,
 . Pois a Mãe perdeu o medo.
 . Roguemos aos Orixás,

. *Para que a
 alegria se
 expanda no
 mundo.*

. *Oh, Mãe, Mãe,
 . Afirmo tua
 existência.*

. *Boa saúde e
 longa vida!*

. *Oh, Mãe, Mãe,
 . Cabeça que nos
 cobre*

. *Com coisas
 boas!*

. *Assim como
 Xangô immortaliza
 o relâmpago no
 ar,*

. *Mãe, estaremos
 sempre gratos ao
 mundo (por vossa
 existência),*

. *A minha mãe
 anciã fez o
 sacrifício (por
 todos nós).*

INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- | | |
|---|---|
| <i>. Iya ope l'aiye</i> | <i>. Mãe, estaremos sempre gratos ao mundo (por vossa existência).</i> |
| <i>. Awa de tere tere,</i> | <i>. Chegamos e estamos aqui com divertimento</i> |
| <i>. Awa de t'aiyo,</i> | <i>. Estamos aqui com muita alegria,</i> |
| <i>. Lesi emi omo Alagogo,</i> | <i>. Somos os adoradores e filhos de Xangô,</i> |
| <i>. Oba alapa ni ka bori!</i> | <i>. Poderoso Rei onipotente!</i> |
| <i>.Boro mu ekun aseke,</i> | <i>. A pantera não pode ser facilmente caçada,</i> |
| <i>. Ekun ole ekun aje,</i> | <i>. Ela pode também comer.</i> |
| <i>. Eni e gangan.</i> | <i>. Ela tem poderosos dentes.</i> |
| <i>. A de o!</i> | <i>. Chegamos e estamos aqui!</i> |
|
 | |
| <i>. Kosi mi fara e awa re!</i> | <i>. Nada há no mundo que possa contra mim, aqui estamos!</i> |
|
 | |
| <i>. Awa kasa i fara e la i be si bo.</i> | <i>. Nunca deixaremos de ofertar e rogar em nossos altares por nossa gente. !(SANTOS Esantos,1993:49)</i> |

O que podemos extrair desses versos é a afirmação de continuidade e expansão quase ininterrupta dos valores africanos nas Américas.

No primeiro verso identificamos a dor e sofrimento causada na passagem transatlântica, porque foi a guerra que trouxe a Mãe inaugural, a Iyá fundadora da primeira comunidade-terreiro.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Com a Iyá, e nela, veio Xangô, orixá do fogo, Alaafin, rei de Oyó, dinastia, origem ancestralidade, princípio estruturador social e político. Não esqueçamos que a Iyá Oba Tosi ,era sacerdotisa de Xangô e fundou o Ilê Iyá Nassô, a mais antiga comunidade –terreiro do Brasil.

“ ... A mãe venerada a mais antiga fez o sacrifício, as oferendas iniciais e iniciáticas que abriram os caminhos. Assim como Xangô se imortaliza revivendo em cada trovão, assim também o poder de expansão da mãe inaugural e o poder dinástico de Xangô se representam e revivem em seus descendentes e estes reafirmam seu existir. Continuadores das Iyá, eles se investem da onipotência de Xangô e de seu poder de ‘pantera’. Mantendo a comunicação com os orisá e os antepassados, forças estruturadoras cósmicas e sociais, não haverá poder que atinja ou destrua a comunidade, essencialmente se todos se mantêm unidos num “mesmo corpo”, nas alianças que harmonizam e selam o pacto semântico renovado no cantar ritual.”(SANTOS SANTOS,1993:49).

Retomando a crítica que fizemos inicialmente às análises sobre as categorias gênero, classe e raça, gostaríamos de salientar alguns comentários que deverão estar incluídos nas agendas contemporâneas sobre a existência feminina.

A categoria gênero encobre a auto-estima da identidade comunal da afro-descendente, pois recalca através da categoria “mulher” que é aplicada genericamente às características histórico-culturais, denegando as diferenças dos continuuns civilizatórios que estabelecem a identidade feminina.

Quanto a categoria classe desdobra-se no recalque às diferenças étnicos-culturais, pois concebe a dinâmica da sociedade apenas como resultante das relações sociais de produção.

A noção de “raça” também é equivocada, não responde as estruturações biogenéticas da espécie humana e não atende à compreensão do universo feminino eminentemente africano-brasileiro.

Visando ainda a compreensão sobre a influência do poder das Iya-Mi –Agbá na estruturação das comunidades africano-brasileira, salientamos que pela organização complexa e tradição, três principais terreiros repõem , expandem e dão continuidade ao universo sócio-existencial nagô na Bahia.

Essas comunidades –terreiro são originárias do Ilê Iyá Nassô ,que foi o primeiro culto público conhecido de Xangô , e estava localizado no bairro da Barroquinha.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Hoje o Ilê Iyá Nassô , está situado no Engenho Velho e é conhecido como Casa Branca ou originalmente Iyá Nassô Oyó Acalá Magbô Olodumaré.

As outras comunidades que se originaram do Ilê Iyá Nassô são o Ilê Axé Omin Iamassê ,mais conhecido como Gantois localizado na Federação; e o Ilê Opô Afonjá em São Gonçalo do Retiro no Cabula.

Esse aspecto que destacamos da arkhé nagô é capaz de inspirar e conceber a dinâmica de uma educação pluricultural, pois ela tem o poder de conferir existência ao ethos e eidos⁴ africano nas Américas apesar das políticas de recalcamento impetradas pelo colonialismo ,neocolonialismo e imperialismo ,as comunidades se expandem, aprofundando suas alianças internas, organizando-se institucionalmente, estabelecendo espaços próprios paralelo e alternativo à sociedade oficial.

É o caso da potência encantadora da literatura eminentemente africano-brasileira, capaz de influenciar uma dimensão pedagógica infanto-juvenil onde, valores míticos e religiosos , cosmovisão, ética comunitária , hierarquias comunais, línguas, modos de vida, princípios filosóficos, códigos estéticos, modos e formas de comunicação, concepções culinárias, organização político-social, elaborações territoriais, enfim, todo um complexo civilizatório, está expresso e procura caracterizar aspectos estruturadores da identidade profunda das comunicações tradicionais da Bahia.

Trata-se de uma literatura que constitui o cotidiano das comunidades-terreiro de origem nagô e resistem há cinco gerações. Na Bahia , um exemplo significativo da preservação até hoje desse acervo literário riquíssimo, é da linhagem Asipá, originária de Oyó e uma das sete famílias fundadoras de Ketú.

Os contos são transmitidos de geração a geração,mais que isso, eles comunicam experiências entre gerações para outra conforme também, as hierarquias comunitárias detentoras da sabedoria milenar.

Mas essas transmissões só se realizam através de relações interdinâmicas e interpessoais, envolvendo os mais velhos e os jovens,numa dimensão pedagógica que apela para códigos e formas de comunicação genuinamente africano resultando em ensinamentos profundos.

“...Os terreiros nagô não são apenas comunidades religiosas; a prática litúrgica é fator aglutinante e transmissor de uma riquíssima tradição. O terreiro veicula e recria através de suas atividades, não somente uma língua

⁴ Ethos é o discurso significante, o enunciado da linguagem a configuração estética, o estilo ou modo de vida. Eidos confere poderes míticos presentificados, simbolizados e absorvidos no consenso da comunidade, as elaborações profundas das necessidades existenciais.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

particular, como uma conformação hierárquica, uma morfologia social e individual baseada em uma maior ou menor absorção inicial de princípios e conhecimentos...”(SANTOS,1976:14)

Os contos possibilitam a reatualização de aspectos sócio-históricos e cosmogônicos do universo nagô, e isso ocorre através de recitações, cânticos, instrumentos musicais, dramatizações, mobilizadas a partir do rito ou da transmissão viva e participante, permitindo a expansão de todo um complexo sistema de conhecimentos civilizatório.

A palavra emanada nesse contexto detém muito poder de ação e realização ,assim ”...a transmissão simbólica, a mensagem,se realiza conjuntamente com gestos, com movimentos corporais; a palavra é vivida, pronunciada, está carregada com modulações, com emoção, com história pessoal, o poder e a experiência de quem a profere. A palavra transporta o alento-veículo existencial- e atinge os referentes e planos mais profundos da personalidade.”(SANTOS,1976:14)

Outro aspecto que é fundamental considerar é que a maioria dos contos são originários do itan,que são histórias;ou ese que constituem os textos oraculares do Ifá, no caso da presença nagô no Brasil, integram o sistema erindilogun.

Todas as histórias representam os diversos “caminhos” do odú, e apresentam uma fórmula, cantiga e versos que nas suas inter-relações são capazes de expressar o sentido da história.

Os contos são narrados na língua portuguesa, predominando o português falado pelos velhos africanos. Mas a língua nagô resiste nas cantigas, fórmulas, parábolas e versos, bem como se rememora os espaços geográficos e históricos, personagens, modos de sociabilidade comunal, entidades sobrenaturais, a estrutura e conteúdo simbólico, todo um sistema de valores revivido e reatualizados num aqui e agora.

Esse riquíssimo acervo literário vivo, se expande e se consolida devido ao princípio básico de comunicação exigido que é a relação interpessoal, caracterizada por “... uma pedagogia negra iniciática. Os contos revelam um aspecto da maneira negra de ensinar, de transmitir o acervo de sabedoria da cultura... Eles ilustram a maneira de como os nagô procuram promover a adaptação ou socialização de seus integrantes, através do aspecto pedagógico de seu rico sistema simbólico, assegurando assim uma forma própria de obter a coesão social.” (SANTOS,1976:14)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Os contos reúnem a riqueza própria do patrimônio civilizatório milenar africano, e esse é um fator muito significativo e exemplar para os educadores baianos que tendem a ser seduzidos pela proposta evolucionista/etnocêntrica dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

É significativo de um lado, porque face a ideologia do recalque que sobredetermina o currículo das escolas brasileiras, os contos podem e devem ser utilizados como recurso didático-pedagógico que tendem a abordar a presença africana, e a tratar os seus descendentes como capazes de civilização; de outro, contextualizam formas de insurgência aos valores coloniais e neocoloniais, expandindo e legitimando o modo de vida e sociabilidade africana.

É necessário enfatizar que as palavras emanadas através dos contos, têm muito poder de realização, isto porque, mobilizam, encantam, fascinam, exploram o imaginário da comunalidade africano-brasileira recriando e reatualizando todo o sistema simbólico e conhecimentos éticos e estéticos que os integra, e “...antes de serem formas de arte, (os textos) são formas que levam a carga de significar as múltiplas relações do homem com seu meio técnico e ético.” (LUZ, 1977:66)

Como ilustração desse complexo e erudito acervo educacional milenar africano-brasileiro de origem nagô, apresentamos um conto de Mestre Didi, adaptado para um auto-coreográfico, visando desencadear e contemplar o currículo da primeira experiência de Educação Pluricultural no Brasil, a Mini Comunidade Oba- Biyi desenvolvida na comunidade do Ilê Axé Opô Afonjá no período de 1976 à 1986. A concepção e execução do projeto ficou sob a responsabilidade da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil –SECNEB.

A iniciativa de constituição do projeto, foi do Mestre Didi, e também a dinâmica pedagógica que orientou a experiência da Mini Oba-Biyi teve a sua orientação como integrante do Grupo de Trabalho em Educação-GTE da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil-SECNEB.

Deóscoredes Maximiliano dos Santos o Mestre Didi, nascido, criado e iniciado nas comunidades nagô da Bahia, é Alapini- Supremo Sacerdote do Culto Egungun e Assogbá-Sumo Sacerdote do culto Obaluaiyê; artista consagrado nacionalmente e internacionalmente, e também escritor. Toda a sua vida tem sido dedicada a preservação e continuidade da tradição africano-brasileira imbuído dos valores e ensinamentos do legado ancestral nagô nas Américas.

Como escritor o Mestre Didi publicou em 1946 um vocabulário yorubá-português, onde destacou as formas de resistência dessa língua africana e sua importância nas comunidades –terreiro e a necessidade de preservá-la como forma de expressão identitária e de comunicação.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A partir daí outros livros, ensaios e monografias sobre a presença africana na Bahia e Américas foram publicados, inclusive após o desenvolvimento de pesquisas através da UNESCO, feitas na África Ocidental, Nigéria e Daomé, territórios consagrados pelo rico universo mítico-político do povo nagô.

O conto que selecionamos do acervo literário preservado por Mestre Didi, é : **A Vendedora de Acaçá que Ficou Rica**, extraímos do livro **Contos Crioulos da Bahia**. Esse foi um dos contos escolhidos pelo Grupo de Jovens que integravam a Mini Comunidade Oba Biyi, para apresentar em um dos Festivais semestrais dessa experiência de educação pluricultural, que de forma excepcional conseguia mobilizar a comunidade do Opô Afonjá e a sociedade do entorno do terreiro.

O cenário, coreografia, figurinos, a música polirrítmica e os cânticos foram recriados pelos jovens e pelo GTE, a ponto de se acrescentar ao conto, um samba –de-roda animadíssimo pleno em ODARA, isto é, criou-se condições para que as expressões estéticas se tornassem utilitárias e dinâmicas. Toda a concepção estética do auto-coreográfico e o seu conteúdo simbólico original foi aprofundada e aprendida pelos jovens sob as orientações do Mestre Didi.

A VENDEDORA DE ACAÇÁ QUE FICOU RICA

Em uma cidade africana, existia uma senhora, que há muitos anos vendia acaçá e mingau pela manhã.

Já se achando muito cansada, um dia, ela resolveu ir à casa do Babá Ifá pra saber o que ela devia fazer para deixar de vender mingau e acaçá, e viver mais descansada para o resto da vida, pois já estava um bocado velhinha.

Depois de feita a consulta, Ifá disse para ela: - Você me traga uma galinha, um porco, enfim, tudo o que lhe ocorra pela cabeça.

Imediatamente, ela saiu para dar as providências, a fim de conseguir as coisas, o mais depressa possível, para levar ao Babá Ifá, pois queria se ver livre daquela vida de qualquer jeito.

Logo que conseguiu tudo o que lhe pareceu suficiente para o trabalho que Ifá ia fazer, foi levar.

Depois de feita a entrega, Ifá disse para ela: - Vá minha filha, dentro de sete dias, vai terminar a grande guerra que está sendo travada pelo general Ogum, muito perto daqui; na volta dele, você terá a recompensa merecida obtendo uma melhor posição na vida, por todos estes anos que vem ajudando à alimentação de todo o povo desta cidade com seu acaçá e com seu mingau.

A velhinha foi-se embora e recomeçou a fazer seu mingauzinho com os acaçás. Quando completou sete dias, ela já nem se lembrava mais do que tinha feito, nem do que lhe tinha dito Ifá, quando viu e ouviu uma zoada e um bocado de soldados que vinham em sua direção com muitos gritos de satisfação, vivas e toques de tambores, parando em frente ao lugar onde ela estava vendendo.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Nisto, um deles que era o general Ogum, e que estava comandando toda aquela gente vinda da guerra com muita fome, chegou junto dela com todo o pessoal dizendo: - Minha velhinha, não morremos na guerra, será que vamos morrer aqui com fome? - Em resposta ela prontamente, de muito bom grado, mandou todos se sentarem e começou a servir um por um.

Terminada a refeição, Ogum que não tinha dinheiro nenhum para pagar o almoço, pois devorara com os companheiros tudo o que foi comer da velhinha, pontual como era, dividiu com ela de tudo o que trazia de saques da guerra, ficando assim a vendedora de açaçás e mingau, riquíssima, de surpresa. Esta transferência foi divulgada por todos os lugares do mundo.(SANTOS,1961:107-108))

Transcrevemos a totalidade do conto não só para ilustrarmos a forma de narrativa da literatura que emerge da tradição comunitária, como também para sublinhar o valor da relação com o sagrado, que constituiu uma das fontes de adesão e participação dos jovens e das crianças na **Mini Comunidade Oba Biyi**.

O destino revelado e a mobilização de axé na forma de oferenda permitem a realização do desejo e a superação das dificuldades em alcançá-lo. Se, por um lado, esse aspecto fundamental dos valores da cultura Nagô mobilizava a **Mini Comunidade Oba Biyi**, encontrava todavia nos professores, a dificuldade imposta por um recalçamento, oriundo da formação que receberam nos cursos de formação das escolas normais e/ou cursos de Pedagogia, que geralmente têm seus valores assentados no repertório etnocêntrico-evolucionista de educação.

O conto gira em torno da feira, do mercado, uma ambiência muito rica de conteúdos, levando à abordagem da Geografia, da Matemática, da Contabilidade, das Ciências, da História, envolvendo mercadoria, troca, moeda, higiene, culinária, uma infinidade de referências possibilitadas pelo tema.

Do cenário da feira, poderiam ser desdobrados inúmeros ensinamentos e informações relacionadas aos mais diversos conteúdos. O currículo da Mini Oba Biyi possuía uma dinamicidade contextual, aberta em movimento. No caso específico da Matemática por exemplo, as ilustrações de conjunto se alimentavam da simbologia de Ogum, as suas ferramentas, sua ambiência, possibilitando infinitas combinações pois Ogum, está relacionado com técnica e natureza, nos seus aspectos animais, vegetais, etc. Luta e desbravamento, também são características dos valores que envolveram a abordagem de Matemática na Mini Comunidade Oba-Biyi.

Na Língua Portuguesa, explorava-se as narrativas dos contos, vocabulário sem desprezar a presença da Língua yorubá elemento significativo de identidade comunitária, presente nas cantigas, frases, contos e provérbios.

Certamente, esses variados aspectos exigirão do professor muita sensibilidade e criatividade e competência para absorver as experiências e vivências que irão mobilizar as crianças, e a capacidade de estabelecer a ponte com o currículo oficial que, infelizmente, tende a abortar as características existenciais próprias do universo africano-brasileiro.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Mas a Mini Oba Biyi conseguiu promover o respeito aos códigos da comunidade e reforçar a linguagem sagrada norteadora da experiência caracterizadamente pluricultural de educação.

Com o decorrer do tempo, as crianças e jovens ficaram cada vez mais orgulhosos desses valores comunitários, e com a sua identidade própria fortalecida conseguiram enfrentar com dignidade as adversidades colocadas pelo sistema oficial de ensino à sua alteridade e afirmar nesse cotidiano escolar, a existência de um rico patrimônio civilizatório africano que também constitui a formação social da nação para além do recalçamento, “folclore”, exotismo, sincretismo, miscigenação e da identidade de escravo.

3. Da Porteira pra Dentro da Porteira pra Fora:

Aqui vale lembrar uma observação de Roger Bastide de que a sociedade que vive imersa aos valores colonialistas tem dificuldade de aceitar produções teóricas e/ou epistemes que sejam capazes de expressar toda a riqueza do pensamento africano-brasileiro, seu sistema simbólico estruturado por uma filosofia coerente de visão de mundo e do destino da humanidade.

Para Bastide essa sociedade colonialista tem a intenção e/ou desejo de tratar o patrimônio milenar africano como folclore, espetáculo artístico, pois sente-se ameaçada pela riqueza de perspectivas, cuja erudição manifesta uma outra filosofia.

O mundo acadêmico- científico que durante séculos tratou a presença africana como objeto de ciência, produzindo deformações radicais sobre a história dessa civilização a partir de metodologias que fascinadas “...pela’ beleza ‘e ‘exotismo’ do ‘bom primitivo’, se limitam a fotografá-lo, descrevê-lo. São compiladores, contadores de histórias, de ritos, de herói. Parece que não acompanham o andamento progressivo do acontecer contemporâneo. Parecem não compreender que se está encerrando o ciclo das descrições, dos traços culturais, dos documentos justapostos. Ainda não descobriram as subjacências simbólicas, a relação do visível com o invisível, do movimento com o gesto, do transcender do discurso manifesto dos mitos e ações estruturadores de identidade” (SANTOS, 1982:14)) Imbuídos do propósito de transcender a compreensão linear, equivocada sobre a presença africana na conjuntura nacional, e afirmar sua capacidade de elaboração teórica e epistêmica sobre educação, é que estamos investindo exaustivamente em dissertar a partir do reconhecimento da arkhé africano-brasileira.

Tem-se dado ênfase fundamentalmente, neste trabalho, à arkhé da tradição africana, como núcleo propulsor de continuidade dos valores civilizatórios, constituintes dos vínculos de sociabilidade e de alianças comunitárias que permeiam, há quatro séculos, a formação social brasileira.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Em meio à luta secular, de afirmação própria e de adaptação-resistência, vimos que a tradição foi capaz de fortalecer, expandir e legitimar o continuum sócio-existencial, político-mítico-religioso que envolve os valores culturais da comunalidade africano-brasileira.

Nos interstícios dessa relação, instaura-se a dinâmica "**da porteira pra dentro, da porteira pra fora**", expressão muito utilizada por Mãe Senhora, a Oxum Miuwá, também Iyami a Mãe Poderosa, que em vida na liderança da comunidade-terreiro do Ilê Axé Opô Afonjá, criou espaços de legitimação da tradição perante a sociedade oficial, afirmando a diferença entre o mundo africano-brasileiro e a sociedade oficial europocêntrica neocolonial.

É importante insistirmos nisso, pois nos leva a evidenciar o significado da "porteira pra dentro", que se refere à "... continuidade dinâmica e ininterrupta da prática litúrgica e ritual, seus valores, linguagem, hierarquias. É o espaço e o tempo onde se dá a mobilização do axé, que garante a perenidade do mundo, da existência. (...) Da porteira pra fora se refere aos contatos com o mundo exterior à comunidade, para onde se irradia suas diversas dimensões culturais, e que estabelecem uma relação dinâmica e dialética que promove mudanças históricas excepcionais. (LUZ,1993:70)

Essa estratégia expressa por Mãe Senhora, na verdade, é o resultado da convivência entre ela e Mãe Aninha a Iyá Oba Biyi. Ao substituir Mãe Aninha na liderança do Ilê Axé Opô Afonjá, Mãe Senhora dá prosseguimento às formas de atuação de sua antecessora, visando, em última instância, a legitimação da tradição, perante a sociedade oficial.

Há alguns fatos interessantes que merecem destaque sobre Mãe Senhora e suas atuações **da porteira pra dentro, da porteira pra fora**, demonstrando como ela soube atrair e ligar o terreiro e suas tradições à sociedade oficial.

Em 1952, no mês de agosto, Pierre Verger havia chegado da África e trouxe para Mãe Senhora um xerê e um Edun Ará Xangô, vindos da Nigéria. Quem mandou Pierre Verger trazer essas encomendas, foi Onã Mogbá, por ordem do Obá Adeniran Adeymi, Alaafin Oyó, através de uma carta que deu a Mãe Senhora o título de Iyanassô.

No dia 9 de agosto, no Ilê Opô Afonjá, foi feita a confirmação do título de Iyanassô de Mãe Senhora, com a presença da comunidade-terreiro, representantes de outros terreiros, intelectuais, escritores, jornalistas, reiniciando, desta forma, as antigas relações da tradição entre a África e a Bahia, que depois foram ampliadas por Mãe Senhora através de intercâmbio permanente de mensagens e presentes com os reis e outras personalidades africanas. (LUZ,1993:72)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Outro fato marcante foi o IV Colóquio Luso-Brasileiro realizado em 1959, em Salvador, sob a organização da Universidade Federal da Bahia. A confraternização desse Colóquio ocorreu no Ilê Axé Opô Afonjá, quando foi servido um amalá de Xangô, numa grande festa pública que reuniu todos os participantes. O escritor Jorge Amado, que é Obá Otun Arolu do Axé, saudou a Iyá Oxum Muiwa e a todos, com um discurso que teve grande repercussão na cidade.

Numa visita feita à Bahia por Sartre e Simone de Beauvoir, Jorge Amado levou-os ao encontro de Mãe Senhora. Posteriormente, Sartre declarou que foram poucas as vezes em que encontrou alguém com tão grande sabedoria de vida, como Mãe Senhora.

O que impressionou Sartre, foi a **sabedoria de vida**, que se caracteriza, neste contexto africano-brasileiro, pela arkhé, a ancoragem da herança cultural Nagô que sobredetermina a existência individual e coletiva "da porteira pra dentro", a comunidade - terreiro dando uma particular visão de mundo. A sabedoria e conhecimento de Mãe Senhora, não pode ser transmitido congelando-o através dos códigos e repertórios que apelam apenas para a relação visão e cérebro, exigidos pela escrita. Aqui, a sabedoria e conhecimento é vivo, dialético, dinâmico, direto, interpessoal, grupal, criativo e plural.

Talvez essas características tenham deixado Sartre impressionado, principalmente se considerarmos que ele provém de um contexto civilizatório neocolonial, imperial positivista, calcado nos valores da escrita.

Outro episódio marcante na vida de Mãe Senhora e que corrobora sua liderança comunitária. Certa vez, um Cônsul americano esteve visitando o Ilê Axé Opô Afonjá. Naquela época, os problemas raciais nos EUA se acirravam, inclusive pelo regime do apartheid, que caracterizava o Estado americano.

Pois bem, o Cônsul foi levado a uma sala, para esperar a presença de Mãe Senhora, que demorava muito em atendê-lo. O tempo passava e ela não aparecia e o Cônsul estava impaciente, até que uma pessoa da comunidade, meio deslumbrada com o status do Cônsul e, principalmente, por se tratar de um branco americano, ficou preocupada e foi solicitar a Mãe Senhora que não demorasse em atendê-lo.

Mãe Senhora ficou muito chateada com a interferência da pessoa e disse-lhe que iria fazê-lo esperar o tempo que ela quisesse, pois o que o governo dos EUA estava fazendo com os seus irmãos negros era muito perverso e injusto.

Assim, o que valia naquele território, era o poder da "porteira pra dentro", em que o Cônsul perdia, de certa forma, seu status e tinha que se submeter ao poder da Iyá Oxum Muiwa que, na ocasião, protestou veementemente e fez entender sua revolta e indignação ante o regime racista dos EUA.

Em maio de 1965, Mãe Senhora foi homenageada como "Mãe Preta do Ano", no Rio de Janeiro, por meio de uma bela cerimônia no estádio do Maracanã. Na ocasião da homenagem, Mãe Senhora agradeceu dizendo:

“É com grande alegria que recebo esta homenagem, e em nome de todos os Orixás, abençoô meus filhos brancos e negros de todo Brasil, e faço votos para que no dia das mães de 1965, tenhamos todos paz e bem-estar neste Brasil que é a melhor terra do mundo.”(SANTOS,1988:17)

É necessário também sublinhar que Mãe Senhora, além de ter descendência direta de príncipes e reis, era neta, bisneta e trineta de Iyalorixás. E Mestre Didi, seu descendente, a descreve de forma fabulosa.

“Os Orixás africanos tiveram, em Mãe Senhora, a melhor forma de serem cultuados no Brasil como na África, pois ela era zeladora da tradição e dos mitos africanos, a grande Dama da Nação Ketu. A história dos terreiros Nagô é a história de sua família.”(SANTOS,1988:24)

Mestre Didi, neto espiritual de Mãe Aninha e filho de sangue de Mãe Senhora, também herda dessas grandes Iyás, nossas Mães Ancestrais, toda essa profunda sabedoria que o alimenta e torna-o capaz de dar continuidade, atualizar, divulgar e afirmar a dinâmica **"da porteira pra dentro, da porteira pra fora"**, expandindo taticamente fronteiras.

Por fim, gostaríamos de reverenciar os nossos ancestrais que nas suas trajetórias de vida, lutaram com afinco para assegurar o direito às condições existenciais necessárias ,para que as gerações sucessoras expandissem seu legado civilizatório .

*“Mo juba
Gbogbo asse tinu ara
Saúdo e venero
A todos os asese ,nossas origens,
Contidos em nosso corpo comunitário.
As origens e sua permanente recriação permitem o existir da comunidade.
Bibi bibi lo bi wa
Nascimento do nascimento que nos traz o existir.”(SANTOSeSANTOS,1993:40)*

Bibliografia

.LANDES, Ruth. A Cidade das Mulheres.Rio de Janeiro:Civilização Brasileira,1961

.LUZ, Marco Aurélio. Agadá: Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira.Salvador: EDUFBA e Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil-SECNEB.,1995.

-----Alguns Aspectos da Comunicação na Cultura Negra.in Revista Vozes, Petrópolis, nº9, ps.60-72,1977.

INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

.LUZ, Narcimária C. P. ABEBE: A Criação de Novos Valores na Educação. Tese de Doutorado; UFBA, 1997.

-----(ORG.) Pluralidade Cultural e Educação. Salvador: SECNEB e Secretaria da Educação da Bahia.

SANTOS, Deóscoredes M. e SANTOS, JUANA Elbein. A Cultura Nagô no Brasil in Revista da USP, nº18 ps.29-40, 1993.⁵

SANTOS, Deóscoredes, M. História de um Terreiro Nagô. São Paulo: Max Limonad, 1988.

-----Contos Crioulos da Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

-----Contos Negros da Bahia. Rio de Janeiro: GRD, 1961

SANTOS, Juana Elbein. Os Nagô e a Morte. Petrópolis: Vozes, 1986.

-----Pierre Verger e os Resíduos Coloniais; O Outro Fragmentado in Revista Religião e Sociedade nº8 ps 11-14, 1982.
